

IRACEMA BOCCUTO DE ALMEIDA CESAR

A EXPLOSÃO DA VIOLÊNCIA

A agressividade diante de humilhação e desrespeito

Universidade Cidade de São Paulo

São Paulo, 2012

IRACEMA BOCCUTO DE ALMEIDA CESAR

A EXPLOÇÃO DA VIOLÊNCIA
A agressividade diante de humilhação e desrespeito

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, da Universidade Cidade de São Paulo, sob a orientação da Professora Leda Perillo Seixas.

Universidade Cidade de São Paulo

São Paulo, 2012

A EXPLOÇÃO DA VIOLÊNCIA
A agressividade diante de humilhação e desrespeito

IRACEMA BOCCUTO DE ALMEIDA CESAR

BANCA EXAMINADORA

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO

Monografia aprovada em ____/____/____.

São Paulo

CÂMARA ESCURA

*Devagar,
Hora a hora,
Dia a dia,
Como se o tempo fosse um banho de acidez
Vou vendo com mais funda nitidez
O negativo da fotografia.*

*E o que eu sou por detrás do que pareço!
Que seguida traição desde o começo,
Em cada gesto,
Em cada grito,
Em cada verso!
Sincero sempre, mas obstinado
Numa sinceridade
Que vende ao mesmo preço
O direito e o avesso
Da verdade.*

*Dois homens num só rosto!
Uma espécie de Jano sobreposto,
Inocente,
Impotente,
E condenado
A este assombro de se ver forrado
Dum pano de negrura que desmente
A nua claridade do outro lado.*

Miguel Torga

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar, através de uma análise teórica, o surgimento da sombra desconhecida diante de situações de constrangimento abusivo. Tal análise se dá com base nos conceitos da psicologia analítica. Trata-se de uma investigação que parte de uma experiência de aprisionamento feita na Universidade de Stanford, em 1971, que demonstra o surgimento de padrões violentos suscitados por humilhação, desconsideração e atitudes invasivas em pessoas consideradas de bem. Além disso, utiliza-se um levantamento bibliográfico que tem como centro o fenômeno da agressividade reprimida. Pretende-se investigar como pessoas consideradas dentro da faixa de normalidade individual e social permitem emergir atitudes violentas, sem controle egoico. Pretende-se postular o conceito de sombra para pensar a questão da agressividade e situar o fenômeno com base na polaridade persona- sombra dentro da teoria junguiana, justificando-se, desta forma, a relevância da monografia.

Palavras-chave: *persona*, sombra, projeção, raiva, agressividade, violência.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 07 |
| METODOLOGIA | 08 |
| A EXPERIÊNCIA DE DETENÇÃO DE STANFORD | 09 |
| O INÍCIO DA VIOLÊNCIA | 12 |
| RAIVA, AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA | 17 |
| A FORMAÇÃO DA PERSONA | 19 |
| A FORMAÇÃO DA SOMBRA | 21 |
| ANÁLISE | 24 |
| FORMAS DE LIDAR COM A SOMBRA | 30 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| REFERÊNCIAS | 39 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem início a partir do filme “*The Experiment*”, traduzido para o português como “Detenção”. O filme impressiona pelo fato de ser baseado em um experimento de simulação prisional que passa a tomar proporções reais de aprisionamento onde integrantes – guardas e prisioneiros – assumem a posição literal de tais personagens, o que tornou indistinta a linha entre a simulação e a realidade. A partir do filme, surgiu a curiosidade de entrar em contato com o experimento que foi realizado por pesquisadores da Universidade de Stanford, liderados por Philip Zimbardo, psicólogo social e superintendente prisional do estudo da prisão. Tal experimento, que relacionaremos juntamente com o filme, tinha o intuito de fazer um estudo sobre as Instituições de Poder – o Sistema. Para Zimbardo, o poder está no sistema. “O sistema cria situações que corrompem os indivíduos, e o sistema é o arcabouço legal, político, econômico, cultural.” (O Efeito Lúcifer, palestra. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/philip_zimbardo_on_the_psychology_of_evil.html).

O que configurou a pesquisa, neste nosso trabalho, é o fato da experiência se dar com pessoas que nunca estiveram em situação de prisão, consideradas de hábitos e tendências saudáveis, não apresentarem problemas psicológicos significativos, e cujo único interesse era o monetário – se oferecia uma quantia diária pela participação no experimento –, passarem a atuar de forma intempestiva e atípica aos seus costumes. Os integrantes não imaginavam que o resultado chegasse à proporção que chegou, ou seja, o surgimento do comportamento de violência. O próprio superintendente se envolveu de tal maneira com o trabalho, que não percebia a situação já fora de controle. Posteriormente publicou um livro onde ele fala sobre “o efeito Lúcifer” onde discute o que faz com que as pessoas sejam más.

O enfoque, para esta monografia, pretende situar a explosão da violência como manifestação da sombra dos indivíduos, que é uma parte viva da personalidade, porém desconhecida dele mesmo, de acordo com a teoria de Carl Gustav Jung.

Todos nós carregamos uma sombra que pode ser positiva ou negativa. Será o ser humano falível em sua função moral? Terá ele uma condição inata para a maldade? O que se pretende aqui é discutir como o indivíduo em circunstâncias extremas pode ser ferido em sua dignidade e como são suas reações a esse ferimento. Nossos traços de

personalidade podem emergir de maneira positiva ou negativa, dependendo das circunstâncias?

Inicialmente fazemos um relato sobre o experimento citado e sobre o filme baseado nessa mesma experiência. Em seguida, nos referiremos às definições e conceitos sobre raiva, agressividade e violência a fim de se fazer uma distinção entre os mesmos. Em sequência, o conceito sobre a formação da *persona* que é ponto fundamental para o entendimento do surgimento da sombra. Todo o conceito está referenciado na teoria de Jung, bem como de seus seguidores.

Abordaremos o conceito de sombra, de acordo com a psicologia analítica, apresentando como esta se origina – em destaque seu conteúdo negativo e os traços que se encontram no inconsciente em caráter arquetípico.

Apresentaremos algumas formas de lidar com a sombra e, por fim, nossas considerações finais.

O objetivo é analisar a eclosão da violência em situações extremas e se o fato de o indivíduo imerso num grupo que apresenta comportamentos de violência contribui para tal.

Metodologia

Com o intuito de ampliar o entendimento do conceito de sombra postulado pela Psicologia Analítica procuramos analisar as representações dos processos psíquicos inconscientes que possui formas de manifestações indiretas de caráter simbólico, cujo entendimento pode ser investigado através de sonhos, projeções, lapsos, representações mitológicas, artísticas, aspectos culturais e fantasias. Para fazer tal estudo, partiu-se da análise do filme “*The Experiment*”, utilizando-se as cenas do filme como exemplo para ilustrar os conceitos teóricos, bem como o próprio experimento em que foi baseado tal filme, cujo teor se encontra disponível em forma eletrônica. (Vide: Experiência da Prisão de Stanford. Disponível em: <<http://www.prisonexp.org/portugues/1>>). Essa pesquisa eletrônica auxiliou na elaboração deste estudo já que pudemos ter acesso ao experimento e palestras do psicólogo responsável pelo experimento, Philip Zimbardo. Levando-se em consideração as cenas do filme lançado em 2010, foi elaborada uma pesquisa bibliográfica cujo referencial teórico, está contido nas obras de CARL G. JUNG, bem como de alguns de seus seguidores, como STEIN (2006), VON FRANZ

(2002), WHITMONT (2002), ZWEIG (1991), SANFORD (1998), entre outros. Observamos a raiva, a agressividade e a violência presentes no filme e procuramos relacionar esses sentimentos e emoções, dentro de uma visão ontológica e epistemológica, com os conceitos de projeção, compensação, enantiodromia, *persona* e sombra, estudados dentro do paradigma junguiano. Com a utilização do filme dispõe-se de uma forma interpretativa dos fenômenos interiores onde se tenta examinar os significados e finalidades de tais fenômenos. Tal pesquisa busca compreender e interpretar o mal arquetípico individual e coletivo, através de suas manifestações simbólicas.

A experiência de detenção de Stanford

Em 2010 foi lançado o filme “*The Experiment*”, traduzido para o português como “Detenção”, dirigido por Paul Scheuring, cujo enredo é baseado numa experiência científica, que referencia este trabalho.

Pesquisadores liderados por Philip G. Zimbardo, professor emérito de psicologia na Universidade de Stanford, conduziram um experimento em 1971, onde foram selecionadas vinte e quatro pessoas, consideradas de boa saúde e psicologicamente estáveis. Eram homens brancos em sua maioria, universitários e de classe média. O local escolhido foi o subsolo do departamento de psicologia da Universidade. Os participantes foram recrutados através de um anúncio de jornal que procurava cobaias para uma experiência comportamental, onde seriam observados os efeitos psicológicos da vida prisional, e a única exigência era a de que nenhum deles tivesse cumprido pena. Setenta inscritos foram submetidos a entrevistas e testes psicológicos para que fossem excluídos os que tivessem problemas criminais, uso de drogas, ou apresentassem problemas psicológicos. A cada um seria pago o valor de U\$15,00 por dia (valor da época) e o experimento teria a duração de duas semanas. No filme, os participantes receberiam o valor de U\$1000,00/dia pela participação no experimento – quantia substancial e fator fundamental para os qualificados. Divididos aleatoriamente em números iguais – guardas e prisioneiros –, foram selecionados através de cara-ou-coroa (moedas lançadas ao ar), segundo o relato do experimento. No filme, essa escolha não é demonstrada apenas aparecendo o pesquisador dizendo quem serão os guardas e quem serão os prisioneiros. Todos participariam desse experimento em ambiente seguro, mas

alguns seriam privados de seus direitos civis (proteção e privilégios de poder pessoal que todos os cidadãos têm direito, por lei) durante o experimento. Os guardas eram divididos em turnos, o que proporcionava se locomoverem para suas residências fato não permitido aos detentos. No filme, o número de guardas se apresenta menor e constante. No experimento, os prisioneiros tiveram que usar roupões e chinelos de borracha, sem roupa de baixo, o que causava desconforto, pois modificava suas posturas corporais. Isso era significativo para o experimento.

Os reclusos masculinos na vida real não usam vestidos, mas sentem-se de fato humilhados e despojados do seu sentido de masculinidade. O nosso objetivo consistia em produzir rapidamente efeitos similares ao obrigar os homens a usar vestidos sem qualquer roupa interior. Na realidade, assim que alguns dos nossos reclusos vestiram estes uniformes, começaram a andar e a sentar-se de forma diferente e a comportarem-se de forma diferente - mais como mulheres do que como homens. (Experiência da Prisão de Stanford. Disponível em: <<http://www.prisonexp.org/portugues/1>>).

Eram chamados por números que eram afixados em suas roupas e tinham pesadas correntes amarradas em um de seus tornozelos, situação que os lembrava de sua condição de prisioneiros. No filme, as roupas eram comuns e não aparecia o elemento corrente.

Os guardas usavam uniformes de estilo militar e óculos de sol espelhados para evitar o contato visual com os prisioneiros. Tinham também, em seu poder, bastões e apitos emprestados da polícia. A orientação dada aos guardas era que, em hipótese nenhuma, se usasse de violência, pois, se isso acontecesse, a experiência seria cancelada imediatamente e os participantes não receberiam o pagamento estipulado. Apenas os guardas tinham essa informação. Tinham liberdade para manter a ordem e a disciplina e eles mesmos elaboraram as regras para tal. No filme eles recebem cinco regras que os prisioneiros deveriam seguir o tempo todo, e o aviso de que caso estas não fossem cumpridas, o experimento seria interrompido, além de não receberem o pagamento. Como todos precisavam do dinheiro (quantia substancial!), era essencial que as regras fossem obedecidas. As regras: “1. os prisioneiros devem fazer três refeições por dia e toda a comida deve ser consumida; 2. trinta minutos para recreação diariamente; 3. os prisioneiros só podem circular nas áreas designadas; 4. os prisioneiros só devem falar quando lhes for dirigida a palavra; e 5. os prisioneiros não devem tocar nos guardas em nenhuma circunstância.” Aqueles que desobedecessem as regras seriam punidos

proporcionalmente. Caso houvesse desobediência, os guardas deveriam escolher ação disciplinatória adequada.

Zimbardo era superintendente prisional do estudo da prisão e fez um paralelo com o que acontecia na prisão de Abu Ghraib, no Iraque, onde soldados americanos abusavam dos prisioneiros e os submetiam a humilhações extremas de natureza violenta ou sexual. Ele questionava o que fazia com que as pessoas fossem más, questão essa colocada pelos filósofos e teólogos há séculos.

A simulação foi feita de forma a parecer verdadeira e os presos foram despidos e desinfestados, o que era degradante e humilhante, pois cada prisioneiro era, segundo as regras estabelecidas pela equipe, revistado e despido, imediatamente desinfestado com um spray, pois, assim, passavam-lhe a idéia que poderia ter germes ou piolhos. De acordo com o relato do experimento, cada prisioneiro foi recolhido em sua casa, numa detenção inesperada, levados em carros próprios da polícia, onde pessoas circundantes da casa observavam a voz de prisão e não sabiam o que estava acontecendo. No pé direito de cada prisioneiro foi atada uma corrente grossa que lhes fizesse lembrar a condição de encarcerado. Que consequências psicológicas poderiam ocorrer? No filme, todos os integrantes da experiência foram conduzidos à prisão por um ônibus, ao mesmo tempo.

A cada infração de regras ou desobediência aos guardas, estes últimos imputavam exercícios físicos como flexões, o que se parecia, em muito, com os castigos que os nazistas impunham nos campos de concentração, atitude comum no exército para se alcançar obediência às regras e conter a desordem. Esses exercícios, a princípio, não eram tão agressivos, mas, com o tempo, foram tomando grandes proporções. Houve uma rebelião já no segundo dia da carceragem o que gerou nos guardas uma resposta mais agressiva e disciplinadora.

Os guardas reuniram-se e decidiram lidar com a força pela força. Arranjaram um extintor e dispararam um jato frio de dióxido de carbono, obrigando os reclusos a manterem-se afastados das portas. [...] Os guardas entraram em cada cela, despiram os reclusos, deixando-os nus, retiraram as camas, colocaram os cabeças da rebelião em celas solitárias e começaram a maltratar e a intimidar os reclusos. (Experiência da Prisão de Stanford. Disponível em: <<http://www.prisonexp.org/portugues/1>>).

Foram aumentando os maus tratos, as flexões e as exigências que dispunham os presos às mais terríveis humilhações.

As atitudes dos homens colocados na posição de carcereiros, diante da posição de poder, demonstraram como homens de bem podem se transformar e praticar violência. “Convém referir que estávamos a tentar criar uma *simulação funcional* de uma prisão – não uma prisão no sentido literal.” (Experiência da Prisão de Stanford. Disponível em: <<http://www.prisonexp.org/portugues/1>>, grifo do autor).

Na verdade, esse estudo da prisão foi feito para comprovar o poder das instituições em influenciar o comportamento individual. A violência existe potencialmente dentro de cada um, e pode ser disparada por estímulo externo. A forma de manifestação vai depender do contato que cada um tem com sua sombra.

De fato, o que se pretende neste trabalho é falar sobre a reação dos que são subjugados – dos prisioneiros no caso. Queremos pensar sobre quais atitudes podem ser tomadas por seres humanos, em condições extremas. Isto não quer dizer que todas as pessoas submetidas à humilhação ou desrespeito sejam agressivas ou adotem comportamento violento, porém, no caso dessa experiência, ficou demonstrada invasão da sombra.

Dependendo das circunstâncias, podem surgir traços de personalidade positivos ou negativos.

Como já foi dito, pretende-se investigar o que faz com que pessoas consideradas dentro da faixa de normalidade individual e social podem deixar emergir atitudes violentas, sem controle egoico, como os participantes reagiram à humilhação e ao desrespeito imputados aos prisioneiros, sem que deixemos de mencionar a violência instaurada por parte dos guardas, que gerou tal reação.

No início, os guardas ainda em fase de adaptação ao posto, tinham que exigir que algumas regras fossem estabelecidas. Os prisioneiros, por outro lado, levando em consideração que aquele era apenas um experimento, não levavam tão a sério tais regras.

O início da violência

Todo o procedimento de desnudamento, desinfestação, o uso de roupas desconfortáveis, ordem de prisão inesperada, eram degradantes e causavam desconforto e humilhação nos prisioneiros.

Para que os guardas tivessem controle sobre os prisioneiros e pudessem manter a ordem, utilizavam artifícios tais como acordar os prisioneiros subitamente, usando apitos estridentes, durante a madrugada (na maioria das vezes) para contá-los. Ainda não familiarizados com seus papéis (guardas e prisioneiros), não levavam muito a sério essa contagem. Enquanto o grupo de prisioneiros ainda tentava firmar sua independência, o grupo de guardas não sabia como exercer sua autoridade. Era um exercício para ambos os lados. O primeiro dia ocorreu sem grandes incidentes, mas no segundo dia os prisioneiros se rebelaram, xingaram os guardas, arrancaram seus próprios gorros, montaram barricadas na cela e os carcereiros que não sabiam como agir, sentiam-se irados e frustrados e decidiram, entre eles, usar a força pela força. Durante o experimento, os guardas despiram os prisioneiros e aplicaram maus tratos, intimidando-os. Posteriormente tomaram a decisão de aplicar táticas psicológicas em lugar de castigos físicos. Colocariam prisioneiros em celas privilegiadas, o que incitaria a quebra de solidariedade entre todos (este comportamento não se verifica no filme). Depois de privilegiados com cama e comida decente, eram recolocados nas celas dos rebeldes e estes últimos ocupavam a cela privilegiada. Isso fazia com que ficassem desconfiados uns dos outros, pois pensavam que estavam passando informações e delatando seus companheiros. Com isso, os carcereiros promoveram uma quebra de confiança entre os detentos. Assim, os guardas se uniram e, com medo de serem ameaçados, aumentaram a agressividade, o controle e a vigilância. Os guardas decidiam se os prisioneiros podiam ou não urinar e defecar. Estes últimos utilizavam baldes onde fezes e urina se amontoavam, o que provocava mais degradação no ambiente. Isto é relatado no site oficial do estudo.

No filme *“The Experiment”*, baseado nesse mesmo estudo, a rebelião se inicia a partir da refeição oferecida aos detentos. Os guardas tinham a informação de que se não conseguissem manter a disciplina, uma luz vermelha se acenderia e o experimento seria encerrado e o dinheiro não seria pago. A preocupação de todos era receber tal pagamento. Os guardas foram orientados a não permitir que os reclusos deixassem qualquer resto de comida no prato (os prisioneiros ignoravam essa regra). A comida oferecida era simplesmente repugnante. Diante da imposição de ingerir toda a comida, os detentos jogaram-na no chão, no início, com um espírito de brincadeira, fazendo uma guerra com a comida, porém, um dos guardas não gostou dessa atitude (jogar a comida no chão) e foi, a partir da conversa entre os guardas, que um deles propôs castigos. Este

foi o gatilho que ocasionou mal estar e degenerou em violência. Os detentos já estavam um tanto perturbados por conta de algumas flexões imputadas a todos em virtude de um acidente ocorrido durante o período de lazer, onde uma bola atingiu um dos guardas (isto foi acidental). Os guardas decidem que a humilhação seria uma maneira de se fazerem respeitar. A partir daí, entram nas celas enquanto os prisioneiros dormem. Usando extintores com dióxido de carbono acordam todos os reclusos e levam o prisioneiro que incitou a rebelião para servir de exemplo e lhe imputam castigos. Neste momento, os guardas começam a perceber que são os detentores do poder e isso lhes causa prazer e excitação. A um dos reclusos, com nível baixo de açúcar no sangue, foi impedido o uso de medicamento, o que agravava sua doença. Alguns prisioneiros solicitavam aos guardas que o doente fosse atendido, já que o medicamento dele estava numa bolsa retida ao entrar na prisão. Os guardas se recusaram terminantemente a buscar o remédio. Isto causa mais ira em um dos prisioneiros que é considerado líder deles. Os guardas resolvem então assustar a todos, utilizando o considerado “líder” como exemplo. Levam esse prisioneiro, amarram-no e raspam sua cabeça. Esse recluso revolta-se e xinga um dos guardas que o está humilhando. Diante desse fato, os guardas começam a urinar sobre o detento amarrado. A luz vermelha não se acende em nenhum momento. Num outro momento um dos guardas abusa sexualmente de um dos reclusos. Outras demonstrações de poder são imputadas. A luz vermelha continua apagada. O prisioneiro considerado líder tem sua cabeça colocada no vaso sanitário e depois é preso num condutor de água (solitária). Quando consegue se libertar, vê um dos guardas abusando sexualmente de um dos detentos e parte para a agressão esmurrando-o e apertando uma corrente contra o pescoço deste. Pega as chaves das celas e liberta todos os reclusos. O prisioneiro doente morre. Todos os prisioneiros se rebelam e, munidos de canos de ferro, saem atrás dos guardas. Estes, amedrontados por estarem em menor número, abandonam o carcereiro líder que ainda se sente autoridade. A violência extrema é instaurada. A raiva eclode. A luz vermelha é acesa. A experiência é encerrada com a abertura dos portões.

No início do filme são colocadas cenas de animais e homens brigando entre si, demonstrando o domínio do mais forte sobre o mais fraco. Travis, personagem principal do filme e integrante do grupo de reclusos, trabalha numa casa de idosos com muita generosidade, mas é demitido por corte de despesas do Estado. Um conhecido dele diz que isso foi muito bom, pois assim ele sairia da zona de conforto para participar mais

ativamente da sociedade. Muitas vezes, o *Self* nos tira dessa comodidade em que estamos para que possamos reconhecer nosso lado sombrio. Confrontamos com fatos inesperados como um chamado ao autoconhecimento. Numa manifestação de rua, onde surge uma agressão, Travis tem um forte impulso de agredir o manifestante, mas contém esse impulso. O ego está presente, discriminando entre conter ou não a violência. Um anúncio de jornal diz: “Procuramos cobaias para experiência comportamental: U\$ 1000/DIA”. Travis está desempregado e precisa ganhar dinheiro. No dia da inscrição ele conhece outro personagem importante no enredo cujo nome é Barris, que passará a ser componente do grupo de carcereiros. É um homem pacato que cuida de sua mãe idosa e carrega a bíblia com ele. Sua mãe o chama de “titica de galinha”. Travis, durante o teste realizado para preencher a vaga, diz que toma suas decisões éticas independente de religião, através do coração. Cenas violentas que lhe são apresentadas causam horror a ele. Barris foi escoteiro, participou da fanfarra do colégio e de vários grupos de Igreja. Comenta com Travis que não consegue deixar de pensar que a experiência tem algo a ver com eles. A *persona* de ambos é de conduta ilibada. Com intenção de manter a ordem (caso contrário o experimento seria encerrado e os integrantes do experimento não seriam pagos), Barris pune com rigor e demonstra prazer e excitação diante do poder que lhe foi atribuído e que conseguiu utilizar. É o sentimento de superioridade compensando o rebaixamento diante da mãe (“titica de galinha”). Daí para frente Barris começa a tyrannizar. Ele aprendeu num grupo de Fraternidade que a obediência pode ser conseguida através da humilhação e é o que começa a gerar. O grupo todo está contaminado pelo poder e vibram com a demonstração de poder de Barris. Travis é alertado por Barris quanto aos papéis que desempenham no experimento e se mostra completamente tomado pelo nervosismo. Travis pergunta por que ele não tenta ser racional e Barris quase bate nele, mas ainda tem controle egoico. Porém, o que segura Barris é o fato de o experimento ser encerrado se ele não conseguir manter a ordem. O ódio também está expresso no rosto de Travis que se contém por conta da experiência. Depois de muita humilhação, ele entra em desespero. Lembra-se de um diálogo entre ele e o entrevistador quando da seleção para o experimento:

E: “Cenário: Alguém machuca alguém que você ama. Estupra, mata. A lei falha em processá-lo. Esta pessoa sai livre. Não há nada que possa fazer. Consideraria isso Justiça?”

T: “Não penso desta maneira.”

E: “Justiça é o que nos mantém a salvo, como uma sociedade. Em ordem.”

T: “A Justiça começa guerra. Olho por olho, dente por dente. É preciso virar a outra face para nossa espécie evoluir.”

E: “Então é você quem sabe o que é preciso para a espécie humana evoluir.”

T: “Estou apenas regurgitando o que pessoas mais espertas que eu têm dito há muito, muito tempo.”

Por este diálogo podemos inferir que Travis tem internalizado aquilo que lhe foi passado através da cultura, das figuras parentais ou da religião.

Outro diálogo que ele trava com um companheiro de cela diz assim:

C: “Jogue alguns animais em uma jaula e irá descobrir quais serão os leões e quais serão destripados.”

T: “Acredito que estejamos um pouco mais acima do que os macacos na cadeia evolucionária.”

C: “Não importa o quão evoluídos você ache que somos. Tranque qualquer animal por tempo suficiente e o mais forte irá devorar o mais fraco. É assim que as coisas são.

Mais uma vez Travis acha que não possui um instinto animal dentro de si. Desconhece totalmente sua sombra raivosa e agressiva. Não tem consciência do quão violento pode ser.

Preso numa espécie de solitária (um condutor de água improvisado) está tomado totalmente pela raiva e promete acabar com todos. Por desconhecer esse lado sombrio, assumindo uma unilateralidade de pessoa correta e boa, desconsidera totalmente seu lado instintivo que irrompe bruscamente num acesso de fúria diante da desconsideração, humilhação e desumanização a que é submetido. A sombra num rompante se faz presente, mostrando que sempre esteve ali e que faz parte de sua personalidade.

O filme mostra desde o princípio que a agressividade é um componente da personalidade das personagens: Travis esmurra alguém numa passeata; outro (personagem do grupo de guardas) faz sexo de forma violenta com uma moça; Barris é humilhado pela mãe, o rapaz doente (escritor) desenha e quer escrever uma história de super herói para compensar seu fracasso com as mulheres. A agressividade aparece subliminarmente.

Serão apresentados a seguir os conceitos de agressividade e violência, bem como os conceitos de *persona* e sombra uma vez que estão relacionados ao desenvolvimento de regras de comportamento.

Raiva, Agressividade e Violência

Faz-se necessário fazer uma distinção entre violência e agressividade. A agressividade, por definição, é uma “forma de desequilíbrio psíquico que se traduz por uma hostilidade permanente diante de outrem”. (DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Agressividade>). Ela é um fenômeno comum no dia-a-dia, posto que os seres humanos reagem aos acontecimentos com agressividade quando interpretam estes como disputas, como se estivessem dentro de uma competição, descompensando diante das críticas e do medo de falhar ou ser excluído. A raiva é parte da natureza humana e tanto pode ser negativa como positiva. “A raiva é uma energia de destruição, de transformação, de força, de defesa, de domínio, de firmeza, de alerta. É um impulso! Um impulso natural da vida em nós.” (DE LUCCA, 2008, p. 157). Portanto, a raiva tem uma função positiva já que nos auxilia quando é preciso ter firmeza e coragem para enfrentarmos aquilo que é nocivo, proveniente do exterior ou interior do próprio indivíduo.

De acordo com De Lucca (2008, p. 162),

A raiva nos tira dos sonhos de grandeza, das ilusões perturbadoras e alienantes. Fazemos uso adequado dela quando a aplicamos para encarar a realidade a nossa volta. Ela nos auxilia a tirar de nós a mania de querermos ser ideais e de querer que os outros também sejam.

Pelo fato de a violência ser dirigida por um julgamento social, fica difícil obter um consenso para sua definição. Outra questão é o fato da intensidade do ato praticado, o que pode cair em outro fator de julgamento. Segundo o Dicionário, violência é “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. (HOUAISS, 2001).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como:

[...] o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. (Disponível em:

http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lang=pt&tlng=pt>).

Nessa perspectiva, a OMS associa o ato realizado à intenção de realizá-lo. A violência se caracteriza pelo uso da opressão, ameaças, intimidação, e tirania. É o uso da força física ou moral sobre alguém, podendo causar algum tipo de lesão, física ou psicológica. Está diretamente ligada a um ato moralmente reprovável, exceto em casos de legítima defesa. Ao outro fica negada a autonomia e integridade física ou psicológica, por uso excessivo dessa força. Tal prática pode levar o indivíduo oprimido a todo tipo de abuso sexual, físico e/ou psicológico. A violência pode produzir enfermidade, ameaçar a vida e até provocar morte.

Em relação a sintomas e personalidade há uma distinção entre traço e estado. Segundo Ratey e Johnson (1997, p. 165, grifos do autor):

Estado é a estrutura mental atual de um indivíduo; traço é uma característica da personalidade que não muda com o humor nem com o momento. Traço é quem a gente é. A raiva como *estado* seria a que a pessoa sente num único momento. A raiva como *traço* seria a raiva crônica que a pessoa sempre sente em relação às coisas que a aborrecem, uma espécie de sistema de valores, a visão do mundo como um lugar hostil que exige que esteja em guarda. Quando se diz que alguém é uma ‘pessoa irada’, diz-se que sua raiva é um traço de personalidade, não apenas um mau humor ocasional.

Se as figuras parentais impedem que as crianças expressem seus impulsos provocativos e hostis porque atingem outras pessoas, isto as impossibilita de entrar em contato com a raiva e, ao mesmo tempo as faz perder a ligação com a energia vital produzida por esta. Em virtude de se ter a aprovação dos outros, isto pode provocar uma cisão da personalidade e da sombra. De acordo com Sanford (1988, p. 72, grifos do autor): “[...] a *sombra* é mais perigosa quando a personalidade consciente perde o contato com ela.” Nestes casos, seria saudável permitir-se que a criança possa entrar em contato com essa raiva, mostrando que essa emoção é natural, sem que se permita que seja investida brutalmente contra o outro. Isso mostra que ela pode ter esse contato com seu lado mais obscuro e desenvolva controle sobre seus instintos e afetos.

Para se compreender o conceito de sombra é necessário, antes, compreender o conceito de *persona*.

A formação da *persona*

A *persona* é um termo que significa, em latim, a máscara usada por um ator. Na época clássica os atores utilizavam máscaras para caracterizar o papel que estavam representando.

“A *persona* é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da *persona* diz respeito exclusivamente à relação com os objetos”. (JUNG, 2011g, Vol. VI, §755, grifo do autor).

Na medida em que estabelece relações com o mundo externo, o ser humano procura se adaptar ao meio em que vive e se apresenta conforme o que se espera dele. Ele assume os diversos papéis sociais nas diferentes áreas de sua vida – pai de família, professor, médico, filho etc. A postura assumida é determinada pelo coletivo que dita como comportar-se, o que dizer, o que vestir e assim por diante, representando um compromisso entre o indivíduo e a sociedade. É um papel, uma aparência. É a forma como o indivíduo se apresenta ao mundo e às pessoas em geral.

A *persona*, como arquétipo que é, faz a mediação entre o ego e o mundo externo.

[...] ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que *aparenta uma individualidade*, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva. (JUNG, 2011c, Vol. VII/2, §245, grifo do autor).

A *persona* possui aspectos tanto positivos quanto negativos. Ela é necessária ao desenvolvimento psíquico do indivíduo, porém, quando assume uma forma extrapolada pode oprimir o eu individual e ocultar a verdadeira natureza deste. Com frequência, quando o ego se identifica com a *persona*, o indivíduo se orienta pelo externo de tal modo que fica inconsciente de seus verdadeiros sentimentos, e acaba camuflando o verdadeiro ser. Fica como que se esta tivesse se aderido à pele e passa então a valorizar acentuadamente os aspectos sociais, perdendo a sua singularidade. Ocorrendo uma indiferenciação entre o ego e *persona* e, estando envolvido com o papel que desempenha socialmente, o indivíduo passa a atuar de acordo com a máscara utilizada, ou seja, ele está identificado com o papel social e fica alienado de si mesmo, tornando-se apenas um reflexo da sociedade. Surge então o pseudo-ego. Segundo Whitmont (1969, p. 140), “o padrão de personalidade se baseia na imitação estereotipada ou numa

atuação meramente zelosa em relação ao papel atribuído coletivamente à pessoa na vida”.

Quando o indivíduo tem conhecimento de sua *persona*, das várias máscaras que utiliza, ele pode colocá-la e retirá-la conforme sua necessidade e circunstância. Caso contrário, quando absolutamente incorporada à pele, essa *persona* passa a ser inconsciente. O indivíduo não tem consciência de que está usando uma máscara, de que está representando um papel e perde sua individualidade, sua singularidade. Ele perde o contato com um lado de sua personalidade que está oculto, recalcado e negado por representar aspectos seus que não são aceitos pela sociedade e por si mesmo e, por isso, considerada como uma “personalidade inferior”. Isto pode levar o indivíduo à fragilidade e a uma adequação aos vários papéis sociais, mas gera uma fragilidade individual porque o impossibilita de ter uma visão clara de seu próprio eu.

Tal pseudo-ego é não apenas rígido, mas extremamente frágil e quebradiço: a necessária energia psíquica de apoio, proveniente do inconsciente, não está disponível, mas, sim em oposição ao consciente, já que tal ego está completamente separado das intenções do Self. (DOWNING, 1991, pag. 32).

Na infância, quando começa a se formar o ego, a criança procura a aprovação das figuras parentais que transmitem códigos e valores comportamentais culturais e coletivos. Num desenvolvimento saudável, a *persona* fica diferenciada do ego, ou seja, é preciso que o indivíduo fique consciente de que é separado das exigências do ambiente. Ele pode desenvolver uma máscara de *persona* e também um ego adequado, sabedor de que pode mudar esse papel, essa vestimenta, a qualquer momento, como pode ficar despido deste se estiver de acordo com seus valores internos ou os fatores externos exijam – como, por exemplo, quando estamos apaixonados e nos mostramos sem máscara.

A formação da sombra

Se existe essa *persona* como forma de adaptação do indivíduo na sociedade, existe também um lado não adaptado: o não reconhecido, o eu negado, o lado inferior e primitivo do ser humano, rejeitado pelos padrões da consciência – o material reprimido da consciência. Este é o arquétipo da sombra. São os aspectos obscuros, desagradáveis da nossa personalidade. Aquilo que achamos inaceitável e que é contraditório à imagem que queremos manter. Em 1945, Jung falou da sombra como “aquilo que o indivíduo não queria ser” (JUNG, 2011b, Vol. XVI/2, §470).

Um dos mecanismos de defesa que o ego se utiliza, é o de reprimir detalhes que não condizem com a imagem que queremos manter (assim é que *persona* e sombra se formam juntas), pois estes são contrários às nossas atitudes conscientes e, assim, impedimos que sejam expressos no decorrer de nossa vivência. “Existe uma relação direta entre a formação do ego e da sombra: o ‘eu reprimido’ é um subproduto natural do processo de construção do ego que acabará se tornando espelho do ego.” (ZWEIG, 1991, p. 69).

Assim, a sombra “[...] se organiza em uma personalidade relativamente autônoma no inconsciente, onde fica protegida e oculta.” (ZWEIG, 1991, p. 28). Ela, diante da autonomia que lhe foi atribuída por ter sido relegada a um plano inconsciente, assume uma personalidade própria, pois, carregada de energia, pode pressionar o indivíduo contra si mesmo. Se ignorada e reprimida, ela se torna hostil. Os aspectos rejeitados e reprimidos não deixam de existir e parecem formar uma segunda personalidade.

Como é um arquétipo e origina-se no inconsciente coletivo, pode ocorrer de tomar posse do ego. Ela se mostra costumeiramente em nossa impulsividade, em atos impensados, o que é contrário ao nosso desejo consciente.

Reconhecendo que a sombra é uma parte viva da personalidade e que ‘quer viver com esta’ de alguma forma, identifica-se, antes de tudo, com os conteúdos do inconsciente pessoal. Lidar com estes envolve o indivíduo ter de harmonizar-se com os instintos e como a expressão destes foi submetida ao controle pelo coletivo. Mais ainda, os conteúdos do inconsciente pessoal estão inexplicavelmente fundidos com os conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo, estes por sua vez contendo seu próprio lado obscuro. (SAMUELS in RUBEDO. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/sombra.htm>>).

A sombra contém aspectos positivos e negativos. Ela possui aspectos eleitos como inferiores e também aqueles aspectos negligenciados, que são potenciais deixados para trás e não desenvolvidos. Tudo que nos é desconhecido ainda não tem um valor. O valor é atribuído pela consciência. No mundo do inconsciente não existem valores, e é por isso que precisamos entrar em contato com estes conteúdos. Conhecendo-os, podemos controlá-los em alguma medida, e não ficamos à mercê de seus impulsos.

Na proporção em que esse material permanece inconsciente, ficamos limitados, já que cada parte da sombra, representa partes de nós mesmos que foram reprimidas.

Quando não reconhecida, a sombra pode se tornar perigosa pois o indivíduo passa a ser dominado por ela, sem o perceber. Ele passa a projetar seus aspectos indesejáveis, isto é, começa a enxergar suas próprias qualidades em outras pessoas que se tornam espelhos dele mesmo. Projetar significa transferir conteúdos próprios (processo subjetivo) para uma outra situação ou pessoa, o que lhe permite se livrar de conteúdos indesejáveis, mas também de valores não reconhecidos em si mesmos. Segundo Whitmont (1969, p. 147): “A sombra é projetada de duas maneiras: individualmente, na forma das pessoas a quem atribuímos todo o mal; e coletivamente, em sua forma mais geral, como o Inimigo, a personificação do mal.”

Se a sombra se torna nosso amigo ou nosso inimigo depende muito de nós mesmos. [...] Na verdade, ela é exatamente como qualquer ser humano com o qual precisamos nos relacionar, às vezes cedendo, às vezes resistindo, às vezes amando – o que quer que a situação exija. A sombra só se torna hostil quando é ignorada ou mal compreendida. (VON FRANZ in ZWEIG, 1991, p. 60).

Como parte de nossa natureza e pertencente ao campo da personalidade, a sombra individual jamais pode ser eliminada. Ela permite a aproximação ao material inconsciente que foi rejeitado pelo ego e pela persona. Ela auxilia na complementação da pessoa, totalizando-a. “Buscar a verdade significa experimentar a dor e a escuridão, bem como o luminoso lado branco da luz.” (EICHMAN in ZWEIG, 1991, p. 156).

A sombra, em parte, possui aspectos pessoais e, em parte, aspectos coletivos. Em grupos diminutos, as inclinações de cada elemento podem ser reduzidas, ao passo que em grupos maiores, essas inclinações podem ser mais amplas, provocando em cada um uma inflação no que diz respeito ao poder e brilhantismo. É uma forma compensatória em indivíduos que se sentem inferiorizados e se dá pelo contágio do grupo.

[...] podemos dizer que se os demônios coletivos nos afetam, é porque devemos ter algo deles em nós — caso contrário não nos afetariam e a

porta de nossa psique não estaria aberta à sua entrada. Quando partes de nossa sombra pessoal não estão suficientemente integradas, a sombra coletiva pode passar furtivamente por essa porta. Consequentemente devemos estar conscientes da existência desses dois aspectos, porque este é um problema ético e prático capaz de causar enormes danos. (VON FRANZ, 2002, p. 16).

Platão disse certa vez que se alguém observar algo maligno, alguma coisa desse mal entra em sua própria alma. Ninguém pode observar o mal sem que algo brote nele em resposta, porque o mal é um arquétipo e todo arquétipo provoca um impacto infeccioso nas pessoas. Olhá-lo significa tornar-se contaminado por ele. (VON FRANZ, 2002, p. 347).

Já que carregamos o mal em nós, vê-lo projetado no mundo externo pode despertá-lo e provocar comportamentos violentos em nós. Por outro lado, se temos consciência dessa “maldade oculta”, temos a possibilidade de aprender a lidar com ela e não ficaremos totalmente à mercê de seus impulsos.

ANÁLISE

O experimento realizado por Zimbardo, na Universidade de Stanford, embora realizado em situação simulada, procurando averiguar as reações de pessoas em cativeiro, demonstra como os participantes internalizaram seus papéis a ponto de se sentirem na própria condição de carcereiros e prisioneiros, ou seja, assumiram a *persona* de guardas e prisioneiros. Os participantes foram testados em todos os seus limites. O próprio superintendente, Philip Zimbardo, confessou que ficou, de tal maneira envolvido com a experiência, que, mesmo diante do sadismo a que foram submetidos os então prisioneiros, não se dava conta de que o experimento havia saído do controle. Em seu relato, diante de um planejamento de fuga em massa ele diz:

Como é que acham que reagimos a este boato? Será que pensamos que gravamos o padrão da transmissão de boatos e que nos preparamos para observar a fuga iminente? Isso era o que deveríamos ter feito se estivéssemos a atuar como psicólogos sociais experimentais. Pelo contrário, reagimos com preocupação em relação à segurança da nossa prisão. O que se fez foi organizar uma sessão de estratégia com o Diretor, o Superintendente e um dos chefes dos guardas, Craig Haney, para se elaborar um plano que evitasse a fuga. (Experiência da Prisão de Stanford. Disponível em: <http://www.prisonexp.org/portugues/1>).

Zimbardo, diante desse plano de fuga, optou por colocar um informante na cela do líder dos prisioneiros e queria transferir seus prisioneiros para uma prisão de fato, o que foi recusado. De acordo com o relato: “Saí zangado e contrariado com esta falta de cooperação entre os nossos estabelecimentos prisionais (por esta altura, tinha interiorizado completamente o meu papel).” (Experiência da Prisão de Stanford. Disponível em: <http://www.prisonexp.org/portugues/1>).

Tal experimento teve que ser encerrado no sexto dia – estava previsto para catorze, visto que a situação saiu totalmente do controle dos pesquisadores. O filme retrata um final impactante. Diante das inúmeras humilhações e agressões que os guardas imputaram sobre os reclusos, houve uma rebelião e a violência se instaurou. Os detentos, com expressões de ódio estampadas no rosto agrediram de forma violenta todos os guardas. No experimento em si, os pais de alguns reclusos vão à superintendência da prisão para solicitar advogados para retirarem seus filhos de lá. Nem detentos, nem guardas, nem familiares, se lembram de que aquele era apenas um experimento e não uma prisão real. E assim, a experiência é suspensa.

Este experimento demonstrou os efeitos da punição exagerada sobre o comportamento das pessoas o que pode ocasionar conflitos entre os valores pessoais e morais.

As estruturas que nos compõem, *sombra* e *persona*, são estruturas complementares, pois às vezes algo que seria positivo é visto pelo indivíduo como negativo. Há um embate entre uma e outra. “A sombra é o lado inconsciente das operações intencionais, voluntárias e defensivas do ego. É, por assim dizer, a face posterior do ego.” (STEIN, 2006, p. 98).

Ficou demonstrado tanto no filme, como no experimento, que os guardas, com o pouco de poder que lhes foi atribuído, cometeram atos violentos, como, por exemplo, abuso sexual e reclusão à solitária. Na verdade, os seres humanos desconhecem a força ou grande parte dos impulsos que mobilizam seu comportamento, por acharem que estes são incompatíveis com o “eu ideal” ou com o ambiente em que vivem. No grupo de guardas, a possibilidade do poder até então não reconhecido, fez com que estes pudessem desfrutar desse comportamento que não havia sido apresentado nos testes aplicados anteriormente ao experimento.

À medida que o indivíduo se identifica com a *persona*, o ego pode ficar inflado ou frágil. Diante da posição ocupada pelos carcereiros, os mesmos passaram a atuar não através de si mesmos, mas através do pseudo-ego, ou seja, uma identificação com o *status* adquirido, pois estes acreditavam serem mesmo guardas e detentores das regras. Isso fez com que se sentissem poderosos, ou seja, inflados egoicamente. Segundo Edinger (1972, p. 27):

Uso o termo ‘inflação’ para descrever a atitude e o estado que acompanham a identificação do ego ao Si-mesmo. Trata-se de um estágio no qual algo pequeno (o ego) atribui a si qualidades de algo mais amplo (o Si-mesmo) e, portanto, está além das próprias medidas.

Quando o ego fica inflado por estar identificado com algo muito maior que ele, as ações do indivíduo passam a acontecer de maneira impulsiva e sem controle, como acontece toda vez que algum impulso inconsciente invade a consciência. O ego, que deveria fazer a análise da particularidade da situação para aplicar a ação – punição, recompensa etc, - encontra-se incapacitado de fazer esta discriminação e acaba agindo de maneira exagerada.

A motivação para o poder de todos os tipos é sintoma de inflação. Toda vez que agimos motivados pelo desejo de poder, a onipotência está implícita. [...] Todo desejo que dê à sua própria satisfação um valor central transcende os limites da realidade do ego e, em

consequência, assume os atributos dos poderes transpessoais. (EDINGER, 1972, p. 37).

A *persona* está sempre presente encobrendo aquela parte inaceitável relegada à sombra. O ego, contrário a deixar transparecer aquilo que não é considerado de bom parecer, dá lugar à sombra involuntariamente e, assim, fica livre da culpabilidade. Na escrita de Stein (2006, p. 99),

Se a trajetória das vontades, preferências e intenções do ego for seguida com suficiente profundidade chega-se às regiões da escuridão e da frialdade onde se torna evidente que o ego tem capacidade, em sua sombra, para ser extremamente egoísta, obstinado, insensível e dominador. Aí, uma pessoa é puramente egoísta e decidida a satisfazer a todo o custo os desejos pessoais de poder e de prazer. Esse núcleo de trevas no âmago do ego é a própria definição da maldade humana [...].

Assim, terríveis atrocidades tornaram-se reais e efetivas causando humilhação, desrespeito e desumanização das pessoas envolvidas no experimento, no caso, os prisioneiros que não eram prisioneiros de verdade, nem haviam cometido nenhum crime. Cabe citar que Adler observou que, muitas vezes, a agressão é manifestada como vontade de poder.

[...] algumas pessoas lutam pela superioridade pessoal; tentam realizar um sentimento de superioridade dominando os outros, ao invés de tornarem-se mais úteis a eles. Para Adler, a luta pela superioridade pessoal é uma perversão neurótica, o resultado de um forte sentimento de inferioridade e uma falta de interesse social. (Fadiman e Frager, 2002, p.75).

Para Adler, o sentimento de inferioridade é algo intrínseco ao ser humano já que as crianças ficam impossibilitadas de exercer tal poder diante do ambiente que a circunda. Isso pode levá-la a competir diante do ciúme e da raiva que pode sentir em função de não ser o único objeto de amor das figuras parentais. A inferioridade ocasiona um represamento do poder pessoal. Adler observou que a competição e a rivalidade poderiam acompanhar os indivíduos por toda a sua vida. Como forma compensatória, então, o indivíduo desenvolve um complexo de superioridade. A própria compensação já é fator de inferioridade. Quando essa superioridade se dirige para o lado pessoal, pode assumir caráter dominante sobre outras pessoas, como forma de obter controle e atenção, podendo exercer seu poder e liberar seu potencial agressivo. Tais indivíduos lutam com a própria sombra para se certificarem de sua força. De acordo com Zweig (1991, p. 19, grifo do autor), “é assim que seres humanos tentam desumanizar outros,

num esforço para assegurar que *eles* são superiores – e que matar o inimigo não significa matar seres humanos iguais a eles.”

Em ambos, filme e experimento, o que se pode dizer a respeito dos prisioneiros que foram submetidos a todo tipo de violência e humilhação, atingidos em seu orgulho e sua humanidade? Em situações limites não podem nossos instintos, nosso lado animal, ser despertados facilmente? Isto pode ser encontrado entre a população carcerária em geral. Enquanto apresentamos nosso lado correto para a sociedade, deixamos de entrar em contato com esse lado sombrio que pode eclodir e ser revelado em situações em que se é impelido a extremos.

Todo indivíduo é acompanhado por uma sombra, e quanto menos ela está incorporada à vida consciente, tanto mais escura e espessa ela se tornará. Uma pessoa que toma consciência de sua inferioridade, sempre tem mais possibilidade de corrigi-la. Essa inferioridade se acha em contínuo contato com outros interesses, de modo que está sempre sujeita a modificações. Mas quando é recalcada e isolada da consciência, nunca será corrigida. E além disso, há o perigo de que, num momento de inadvertência, o elemento recalcado irrompa subitamente. (JUNG, 2011f, Vol. XI/1, § 131).

Zimbardo procura demonstrar, nessa experiência, que o sistema organizacional das prisões incita e até influencia que se pratique o mal. Para Sanford (1988, p. 26),

O homem moderno prefere acreditar que os males do nosso tempo não existem na alma humana ou na esfera espiritual; ao contrário, ele pensa que tais males têm causas políticas e econômicas, podendo ser eliminados com a mudança de sistema político, com mais educação, condicionamento psicológico correto ou mais uma guerra para acabar com o inimigo. Ele só não quer admitir que o inimigo deve ser buscado justamente nos diabos e demônios presentes dentro dele próprio.

Tanto no filme como na experiência de Stanford, nos prisioneiros, que nada sabiam a respeito das regras estipuladas pelos próprios guardas, e que estavam à mercê destas, numa situação sentida como real eclodiu a raiva de forma agressiva e até violenta. Esta raiva estaria encoberta pela *persona*, uma vez que durante o desenvolvimento da personalidade estaria reprimida em função das regras parentais e sociais. Em contraponto a uma personalidade mais retraída e acanhada existe a raiva como compensação psicológica, já que o indivíduo se sente impotente e anulado diante do “opressor”. Os guardas, por não saberem lidar com a própria raiva, agiam de uma forma que despertou a agressividade no outro. Se nossa percepção é projetiva, podemos dizer que os guardas funcionaram como um espelho dos prisioneiros e, isso se deu de forma

coletiva. Segundo Whitmont (1969, p. 146, grifos do autor), “[...] à medida que tenho de ser correto e bom, *ele, ela* ou *eles* se tornam os portadores de todo o mal que não consigo reconhecer em mim mesmo”.

Cada um de nós, desde o mais perfeitamente civilizado até o criminoso encarcerado, hospeda uma chaga interior, infeccionada e neurótica, uma sombra particular de raiva, terror, luxúria e dor. Essa sombra, esse ‘lado escuro’, é uma cópia em miniatura da escuridão maior da sociedade, que se manifesta em guerras, opressões e fome. Estamos cercados, por dentro e por fora, pelo mal e por sofrimento de todo tipo. (EICHMAN in ZWEIG, 1991, p. 156).

As pessoas, em geral, acham que a linha entre bem e mal é fixa. Que estão separadas do mal permanecendo do lado bom. Zimbardo verificou que essa linha é móvel e permeável.

Somos uma mistura heterogênea de traços de personalidade positivos e negativos que podem eclodir dependendo das condições e circunstâncias. De acordo com Whitmont (1969, p. 145):

Quando ocorre uma projeção da sombra, não somos capazes de diferenciar a realidade da outra pessoa dos nossos próprios complexos. Não distinguimos fatos de fantasias. Não podemos ver onde nós começamos e onde o outro termina. Não podemos vê-la; nem tampouco podemos ver a nós mesmos.

Os mitos falam dessas duas naturezas. Nas mitologias egípcia, escandinava, persa, sempre existiram deuses perpetradores do bem e do mal, ou seja, sempre havia um deus que propagava a luz, as coisas positivas, e outro que propagava as trevas, as coisas negativas. No panteão grego cada deus carregava em si o bem e o mal. Essa dualidade estava contida em cada um deles. No cristianismo, no Novo Testamento, existe Deus e seu espírito oposto, Satã. Enquanto o Primeiro dirige a humanidade à luz, o segundo instiga-a ao pecado e ao sofrimento, procurando distanciá-la de Deus (mito judaico-cristão). Na fala de Sanford (1988, p. 35),

[...] a mitologia é uma espécie de mapa da psique humana, uma personificação das forças psíquicas arquetípicas e eternas que compõem o universo interior dos seres humanos. [...] existe em nossa natureza um lado escuro inevitável, que recusa ser assimilado aos nossos elevados ideais de bondade, moralidade e comportamento humano ideal. [...] Na verdade, quando nos empenhamos em ser bons demais, acabamos engendrando, em nosso inconsciente, a reação oposta. [...] Se ultrapassarmos os limites de nossa capacidade natural para o amor e a bondade, acabamos criando dentro de nós mesmos a parcela exata oposta de ódio e crueldade.

As inúmeras passagens do Novo Testamento referem-se às formas de comportamento no que diz respeito à bondade e retidão.

Paulo insiste repetidamente com suas comunidades cristãs que pensem e se comportem somente de acordo com o que podemos chamar de seu lado claro. Amor, paciência, perdão, gentileza, prudência e falta de ambição pessoal são recomendados à prática e à observância. Ira, agressão, desejos ou fantasias sexuais e emoções em geral devem ser negadas. A ética psicológica de Paulo tem o efeito de desenvolver uma *persona* coletiva. E sua pressão sobre seus cristãos convertidos para adotarem tal *persona* resultou na repressão de tudo aquilo que a contradiz. (SANFORD, 1988, p. 92, grifo do autor).

Essa atitude estimula esse conflito ético no ser humano, e isto faz com que a civilização se incline no sentido de fazer julgamentos de acordo com tal princípio ético.

Se uma figura arquetípica se desdobra, então ela se desdobra também moralmente, aparecendo não apenas como o bem e o mal, mas como luminosa e menos luminosa — é esse o refinamento da resposta ética produzido por nosso sistema religioso. (VON FRANZ, 2002, p. 41).

Então, porque Paulo induziria os seguidores cristãos a ressaltarem esse lado claro, reto e “certo” se não houvesse, dentro de cada um, uma tendência a exortar esse outro lado considerado, então, “negativo”? Não se pode responder a essa questão.

Não há dissociação entre luz e trevas. Por isso, não podemos saber onde se encontram o bem e o mal, nem tampouco, de onde o mal surgiu. Este sempre esteve presente no âmbito humano e, por ser perturbador e contra os princípios e valores adotados pela humanidade passou a ser amplamente negado. “Ingenuamente, esquecemos que por debaixo do nosso mundo racional jaz um outro enterrado. Não sei o que a humanidade ainda terá de sofrer até que ouse reconhecê-lo”. (JUNG in ZWEIG, 1991, p. 22).

O cristianismo fala da necessidade de se vencer o mal para atingirmos a Unidade Divina. Se o Si-mesmo contém essa dualidade e se há um embate entre ambos – bem e mal, e este último deve ser vencido, isso contraria a psicologia de Jung que fala que todos caminhamos para o autodesenvolvimento, em direção à totalidade. Para o desenvolvimento do *Self* não quer dizer que o ego necessite ser dissolvido, pois ele é o centro da consciência e precisa se ligar ao *Self* e não ser eliminado. Neste caso, o reconhecimento do mal deve ser integrado à personalidade, permitindo-se, dessa forma, a criação de uma ponte entre ego e *Self* (eixo ego-*Self*). A integração dos opostos é a meta da função transcendente, pois, une consciente e inconsciente, levando a uma atitude nova.

Lidar com o inconsciente é um processo (ou, conforme o caso, um sofrimento ou um trabalho) cujo nome é *função transcendente*, porque representa uma função que, fundada em dados reais e imaginários ou racionais e irracionais, lança uma ponte sobre a brecha existente entre o consciente e o inconsciente. É um processo natural, uma manifestação de energia produzida pela tensão entre os contrários, formado por uma sucessão de processos de fantasia que surgem espontaneamente em sonhos e visões. (JUNG, 2011e, Vol. VII/1, §121, grifo do autor).

Jung propõe justamente ir além desta dualidade cristã ao colocar a busca pela totalidade, que quer dizer que o indivíduo deve tentar integrar os aspectos de sua personalidade tidos como reprováveis. Isto não quer dizer sair por aí praticando “maldades”, mas saber como lidar com aspectos da psique que podem ser destrutivos. E, para isso, conhecer a própria sombra é parte essencial, pois, não reconhecendo seu lado sombrio, o indivíduo vai contra aspectos importantes de sua natureza e isso pode levá-lo a uma unilateralidade destrutiva, uma vez que o caminho para o Si-mesmo pressupõe a realização da totalidade, e não a escolha da realização de apenas um dos lados, contra sua verdadeira natureza e isso pode levá-lo a se defrontar com uma força destrutiva, uma vez que está indo em direção contrária ao Si-mesmo.

Um ser humano precisa do outro para poder enxergar a própria sombra. Essa é uma das formas de se reconhecê-la. Ela aparece, sobretudo, nas projeções positivas ou negativas, quando o material psíquico se desloca de dentro para fora de si mesmo – é um mecanismo inconsciente. Ela se evidencia quando o outro lhe mostra a face oculta de sua personalidade, coloca-a nua diante de si. Von Franz (2002, p. 45) nos diz que “somente quando a luz atinge um objeto é que aparece a sua sombra.”

Formas de Lidar com a Sombra

[...] não há luz sem sombra, nem totalidade anímica sem imperfeição. A vida em sua plenitude não precisa ser *perfeita*, e sim *completa*. Isto supõe os ‘espinhos na carne’, a aceitação dos defeitos, sem os quais não há progresso, nem ascensão. (JUNG, 2011d, Vol. XII, § 208, grifos do autor).

O reconhecimento dos aspectos negativos que se encontram na sombra é de importância relevante, embora cause impacto sobre a personalidade consciente. Esse

reconhecimento não é algo fácil já que esta se oculta no inconsciente. Esses aspectos podem ser notados nas projeções que fazemos sobre o outro, nos sonhos com pessoas do mesmo sexo do sonhador, nas fantasias, chistes e lapsos.

Quando se encontra diante de um conflito, numa crise vivencial de qualquer natureza, o indivíduo deve voltar-se para o lado escuro de sua personalidade e confrontar os aspectos inaceitáveis que não estão acessíveis no momento, à consciência. Este é um caminho em direção ao *Self*. Whitmont (1969, p. 148) nos diz: “Apenas quando reconhecemos aquela parte de nós mesmos que ainda não vimos ou preferimos não ver é que podemos seguir em frente, questionar e encontrar as fontes em que ela se alimenta e a base em que repousa.” Com isto ele quer dizer que há necessidade de se confrontar com essa parte obscura não bastando apenas o reconhecimento de sua existência.

Se o indivíduo, ao reconhecer algum aspecto negligenciado, tenta combatê-lo, irá apenas relegá-lo novamente ao inconsciente, e este aparecerá de forma mais compulsiva, “exagerada” e projetada. É preciso reconciliar-se com a parte negada. Então é fundamental assumir sua existência, a fim de que não se torne – a sombra – uma oponente ao próprio indivíduo.

[...] a sombra representa padrões de sentimento e comportamento autônomos carregados de energia. Essa energia não pode simplesmente ser detida por um ato de vontade. É necessário recanalizá-la ou transformá-la. Porém, essa tarefa requer ao mesmo tempo consciência e aceitação da sombra como algo que não pode ser simplesmente descartado. (WHITMONT, 1969, p. 149).

Von Franz relata que em sua experiência notou que se a personalidade levar a sombra a sério, sem lográ-la, o conflito pode ser suspenso. “Se o ego assume uma postura ética e uma atitude moral unilaterais, entrando em conflito real com a sombra, então não há solução”. (VON FRANZ, 2002, p. 75).

No geral, a sombra se retrata nas projeções tanto negativas quanto positivas que fazemos sobre o outro. Importante, sem dúvida, é descobri-las, analisá-las, compreendê-las e aceitá-las. Os sonhos também têm importância nessa descoberta. Quando se sonha com uma pessoa do mesmo sexo, pode-se traduzir o conteúdo do sonho como uma mensagem do *Self* para o sonhador.

As reações que temos fora de proporção demonstram que nossa energia está orientada a desviar-se do caminho do *Self*. É também fonte de direção para o reconhecimento da sombra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos nós carregamos uma sombra. Aprendemos, a partir de nossa infância, durante nosso processo de desenvolvimento, que alguns aspectos são inaceitáveis por nossos pais e sociedade em geral. Os conceitos religiosos também nos falam sobre “certo e errado”. Assim, para nossa própria sobrevivência, nos afastamos de partes de nossa essência para compor os papéis aceitos pelo social e por nós mesmos. Dessa forma, todos os aspectos considerados “inferiores” vão para a região do inconsciente.

Raiva é um dos aspectos que, segundo nos foi transmitido, deve ser contido. Cada vez que uma criança tenta expressar a raiva do irmão, dos pais, do amiguinho, ela é repreendida e aprende que isso não é bom. Assim, a criança que expressa sua raiva é tida como má, sente que não é aceita e, portanto, esse sentimento passa a ser componente do inconsciente. O indivíduo sente raiva quando é ofendido, molestado, inferiorizado etc. Na verdade, a raiva faz parte da natureza humana e sua expressão, quando adequada, é necessária a uma vida emocional saudável.

A agressividade é um impulso natural do ser humano, com o qual ele luta constantemente para aprender como domesticá-la, porém defende nossa integridade e nos auxilia no enfrentamento das várias situações da vida.

Jung (2011g, Vol. VI, § 751) fala a respeito do afeto:

[...] entendo o afeto, por um lado, como estado psíquico de sentimento e, por outro, como estado fisiológico de inervações, tendo cada qual efeito cumulativo e recíproco sobre o outro, isto é, um componente de sensação alia-se ao sentimento intensificado de modo que o afeto fica mais próximo das sensações e essencialmente diferenciado do estado sentimental. Incluo afetos exacerbados, isto é, acompanhados de violentas inervações corporais, não no campo da função sentimental, mas no campo da função sensação.

O estímulo constantemente intensificado alia a emoção ao corpo, causando reações mais extremas. Assim, a percepção do comportamento agressivo dos guardas provocou nos prisioneiros reações corporais como contrações musculares, olhos arregalados, expressões de ódio estampadas na face e impulso de ataque.

Sabemos que a violência sempre existiu na vida humana e faz parte do conjunto cultural, econômico e social dos indivíduos. Os sistemas sociais, religiosos, legais se empenham em diminuir e prevenir sua manifestação.

Aparentemente, a experiência de Stanford deixa evidente que uma estrutura social pode “cutucar a onça com vara curta”, mas não faz mais do que trazer à luz o lado animal que carregamos dentro de nós. “A besta em nós está viva, muito viva – só que a maior parte do tempo encarcerada.” (ZWEIG, 1991, p. 20).

A sombra pode se manifestar individual ou coletivamente. Em grupo há que se perceber que um membro dá apoio a outro e é quando um grupo agride outro que se manifesta sua sombra, salientando-se que, quanto maior o grupo, mais serão exortadas as qualidades comuns. O uso do poder por parte dos guardas causou intimidação, humilhação e desumanização nos prisioneiros e esse ato foi praticado por todos os integrantes da equipe carcerária, como uma contaminação grupal. Nesse contexto, houve uma ameaça à integridade dos participantes, o que nos fornece um indício de que, em grupo, o comportamento dos indivíduos pode ser alterado. Este é o aspecto coletivo da sombra em ação: todos os integrantes carregam as qualidades negativas do grupo e as expressam. Essa força utilizada pelos então guardas caracteriza uma forma de compensar seus aspectos inferiores guardados no inconsciente. É a utilização de uma superioridade que compensa a inferioridade contida na sombra. A suposta superioridade dos guardas permitiu a eclosão da agressividade por parte dos prisioneiros, de forma violenta, onde o uso da razão deixou de ser empregado, já que os papéis (*persona*) foram aderidos à pele, de tal forma que assumiram a posição como se fosse “de fato” (pseudo-ego).

O ser humano, sentindo-se invadido, humilhado, impotente, não encontra maneiras de expressar que quer ser compreendido e respeitado. Sentindo-se mais fraco, o indivíduo passa a agredir como uma atitude de defesa, já que seus instintos são de sobrevivência.

O sentimento de inferioridade e a vontade de poder dos prisioneiros, projetados nos guardas, disparou o comportamento agressivo.

Surgem conflitos entre os alicerces da personalidade e a visão do encarcerado. Com frequência nos deparamos com decisões que fogem dos limites das regras morais estabelecidas. São decisões que necessitam de uma tomada de atitude que infringem as normas e isso pode conduzir a grandes conflitos.

Nas situações vivenciadas o indivíduo percebe que seu campo de atuação está limitado. O eu consciente não tem como abarcar toda a situação com a qual se depara e isto cria

angústia e inquietação. Toda a personalidade, constituída desde a infância, sofre um abalo porque entra em contato com um universo diferente do habitual, agressivo e humilhante, distante dos conceitos anteriormente eleitos e constituintes até então.

Para o entendimento do que acontece, há que se mergulhar no mais profundo do ser, nos subterrâneos do inconsciente. Sem a reflexão, sem a participação do eu consciente (o ego que faz as discriminações), não se pode ampliar a visão.

Diante das situações reais, de absoluta opressão, como no filme, a sombra pode invadir e sobrepujar o ego, dando vazão a toda agressividade contida. Neste momento, tomado pela sombra, o indivíduo não se dá conta dos conceitos morais. Sua atuação é irrefletida já que antes da moral há que se preservar a vida. Os conceitos pré concebidos dão lugar a situações reais vivenciais e só serão revistos depois das atitudes já terem sido consumadas. O natural é, sentindo a raiva, colocá-la no outro, redirecionado-a para fora de si, dirigindo-a contra um alvo apropriado. Caso contrário, essa mesma raiva será direcionada contra o próprio indivíduo, afastando-o de sua integridade emocional, manchando sua paz de espírito, o que não contribui para sua saúde psíquica.

A agressividade dos prisioneiros, desconhecida até então, é projetada nos guardas quando estes praticam atos de violência. Toda a raiva contida pode ser expressa porque existe um “culpado” pela sua expressão. O indivíduo ainda, por uma questão moral, não toma consciência de que tem, em seu universo interior, o mesmo sentimento que enxerga em seus opressores.

Podemos ver a sombra emergir tanto nos guardas como nos prisioneiros, mas vamos nos deter nestes últimos porque a extensão desta monografia seria enorme e é a isso que se dirige este trabalho.

A situação da experiência criou um ambiente que embora fictício, apresentava características bastante realísticas: prisão, os uniformes militares e bastões dos guardas, as correntes amarradas aos tornozelos dos prisioneiros, remetem a uma situação tão real que pode fazer eclodir no prisioneiro todas as idéias internalizadas da figura militar, do poder social, enfim, dos pré conceitos que fazem parte de seu ego.

Neste tipo de situação pode ocorrer uma despersonalização do sujeito em virtude da constante exposição ao stress. A agressão aponta em direção ao medo de perder algo – a

vida, a personalidade, a integridade física – compensando a insegurança vivida pelo indivíduo e sua baixa estima.

Jung fala sobre enantiodromia que é um mecanismo compensatório. Em todos os movimentos da vida há uma dupla face. O traço distintivo unilateral da consciência é compensado no inconsciente por uma disposição contrária. Como num movimento pendular, depois de atingir uma extremidade, o movimento volta em sentido contrário para o seu lado oposto.

A compensação funciona quando algo está no seu extremo. Se existe uma inclinação unilateral impondo-se no universo consciente, outra, proporcionalmente igual em intensidade, eleva-se na psique inconsciente. O que está contido no inconsciente forma um contrapolo na consciência. As questões extremadas da consciência atuam no pólo oposto no inconsciente de forma autônoma. Enquanto esta compensação está apenas no inconsciente, a perturbação sentida aparece como ansiedade, insegurança, medos, etc. Quando a compensação invade a consciência, o indivíduo passa a praticar atos que ele não consegue controlar, porque acaba acontecendo uma inversão. É onde a sombra, de forma inesperada, adquire poder e suplanta o ego.

Quando a consciência subjetiva prefere as idéias e opiniões da consciência coletiva e se identifica com elas, os conteúdos do inconsciente coletivo são reprimidos. A repressão tem conseqüências típicas: a carga energética dos conteúdos se adiciona, até certo ponto, à carga do fator repressivo cuja importância efetiva aumenta em conseqüência disto. Quanto mais o nível da carga energética se eleva, tanto mais a atitude repressiva assume um caráter fanático e, por conseguinte, tanto mais se aproxima da conversão em seu oposto, isto é, da chamada enantiodromia. (JUNG, 2011a, Vol. VIII/2, §425).

A energia acumulada no inconsciente começa a enfraquecer o eu consciente. É um outro, que possui o poder, que apresenta um caráter mais dúbio. A personalidade consciente que busca a aprovação do outro é colocada em “cheque” e surge uma outra voz, oculta, disfarçada, que revela uma dualidade da natureza do próprio indivíduo. Ela é primitiva, carregada de energia. Os encargos egóicos ficam abafados em contraponto à vivência dos impulsos internos. Não há discriminação de certo e errado. Diante do reconhecimento de que existe um lado maléfico, se constata que, num nível profundo e arquetípico, o mal que existe em cada um pode ultrapassar as medidas, dependendo das circunstâncias em que o indivíduo se encontra. O melhor e o pior da natureza humana podem se manifestar através do grupo.

No filme percebemos que a sombra apoderou-se do ego dos participantes e estes passaram a se identificar com esse lado. Nesse aspecto podemos dizer que não basta experimentarmos os impulsos da sombra. Não se pode externizá-la, nem reprimi-la, pois assim continuaríamos divididos em opostos. Não é saudável absorvê-la totalmente nem tampouco ignorá-la. Embora o ego tente resistir ao confronto com as partes obscuras e tente eliminá-las, isso não é possível. Há que se aceitar essas qualidades obscuras de forma disciplinada. “Sofrer” a sombra é assumir responsabilidade por sentimentos e impulsos, tomando consciência dos motivos que levam o indivíduo a agir. Isso quer dizer que, em algumas situações é preciso encarar o aspecto negativo, mas é preciso saber também que não é possível resistir o tempo todo a todos os impulsos. “Mesmo que não sejamos responsáveis pelo modo como *somos* e sentimos, temos de assumir a responsabilidade pelo modo como *agimos*.” (WHITMONT, 2002, p. 150, grifos do autor).

O que se vê nos prisioneiros é um desejo de autopreservação pelo medo de ser destruído. Valores morais são postos de lado. Desta forma, para um desenvolvimento mais saudável da personalidade, é necessário aprender a conviver com a tensão gerada pelos opostos. Não aceitar esse lado sombrio é perigoso, pois, de alguma forma, em algum momento, o indivíduo é confrontado com esse lado obscuro e é “pego pelas costas”. É preciso fazer uma integração desses opostos. A sombra não precisa somente ser reconhecida, mas principalmente integrada como parte viva da personalidade do indivíduo.

No âmago de cada grupo, a sombra coletiva tem a mesma identidade. Se a sombra pessoal está intimamente ligada à sombra coletiva isto quer dizer que, em cada membro do grupo esta sombra encerra tudo aquilo que não é admissível culturalmente. A sombra do grupo se destaca por ser o somatório das sombras particulares de cada membro, aliada à sombra coletiva, e só é notada por outro grupo externo a este. O mal arquetípico é manifestado em proporções lamentáveis já que a energia ficou reprimida por muito tempo nas profundezas do inconsciente.

Segundo Guggenbühl-Craig (2008, p. 104, grifo do autor):

Jung concebia o ‘Mal’ como algo independente e não, por exemplo, como uma *privatio boni*, mera ausência do Bem. Nesses termos, pode-se compreender o Mal como o ‘assassino e suicida dentro de nós’. Essa sombra arquetípica é um modo inerente de comportamento humano – um arquetipo. No decorrer da história, tem sido

representado por símbolos como o Diabo ou o *sol níger* dos alquimistas.

A sombra arquetípica – o “Mal” – se une à sombra pessoal e à coletiva e as abastece de energia. Da mesma forma que podemos ser sobrepujados por nossa sombra pessoal, o mesmo pode acontecer com um grupo, pois a sombra se apodera do grupo inteiro. O indivíduo precisa entrar em contato com esse mal para poder ampliar sua consciência e desenvolver-se psicologicamente. Este é um caminho para a totalidade, pois, é preciso ter a possibilidade de destruição para voltar-se ao mundo com amor. No processo de individuação há que se experimentar o lado destrutivo, o escuro, o sombrio. A opção que temos é encarar nossa contraparte obscura enigmática, certificar-se dela como é de fato, e tomar certos cuidados contra ela. É preciso entrar em contato com a sombra e não se identificar com ela, embora exista uma inclinação a se opor ao mal manifestado. O objetivo da eclosão dessa situação má nos parece ter o objetivo de sanar o sentido unilateral e errôneo segundo o qual o indivíduo havia encaminhado a vida. A energia utilizada para reprimir o mal é uma energia não vivida e precisa ser, não apenas liberada, mas integrada à personalidade. Há que se usar a agressividade de forma saudável nos vários encaminhamentos que a vida nos dá. Numa situação intolerável, como nos defenderíamos se não pudéssemos lançar mão dessa energia de agressividade? É claro que a personalidade consciente tem que possuir uma postura moral para poder tornar realizável a individuação, pois, caso contrário, o indivíduo, identificando-se com a sombra, passa a atuar de forma intempestiva, unilateral e a sombra adquire vida própria.

Se o indivíduo ignora seu lado obscuro, seu lado “maléfico”, seus sentidos perdem o valor e a sombra assume autonomia e permanece afastada do restante da personalidade. Na verdade, a polaridade existe! O problema é quando a consciência não reconhece a existência de um dos lados, identificando-se apenas com o outro – seja ele positivo ou negativo. É preciso defrontar e aceitar esse lado obscuro mesmo que isso seja amedrontador. Não se pode reprimir a sombra nem se identificar com ela. Há que se ter uma atitude conciliadora entre um lado e outro. A reconciliação com todos os aspectos da personalidade é fator de totalidade. Isso requer um trabalho árduo e mostra que, se possuímos um lado demoníaco, em igual proporção possuímos uma santidade. “Buscar a verdade significa experimentar a dor e a escuridão, bem como o luminoso lado branco da luz [...]” (EICHMAN in ZWEIG, 1991, p. 156). A consciência, possuidora de uma

inclinação ética inclusa na psique humana, precisa intervir de modo que se possa fazer uso do instinto de forma moderada para que não se percam os limites e se chegue a consequências desastrosas, violentas e catastróficas.

A consciência atua fazendo a mediação, soltando o impulso em pequenas doses, cautelosamente, permitindo um comportamento civilizado e levando o ser em direção à totalidade, à individuação.

Ao curar a natureza escura, imensas quantidades de energia e capacidade pessoais podem ser retomadas, pois grande parte dos nossos poderes enquanto seres humanos permanece hediondamente paralisada pelo lado escuro pessoal. Essas áreas paralisadas representam, na verdade, vastos reservatórios de energia psíquica contaminada e estagnada. À medida que progredimos no caminho, cada confrontação com o 'mal' é uma oportunidade de fortalecimento. Isso é desejável, pois os demônios pessoais reprimidos também se fortalecem até irrompermos para o Deus que está no Centro. (EICHMAN in ZWEIG, 1991, p. 158).

Quando a sombra pessoal está bem integrada, a sombra coletiva encontra menos abertura para invadir a vida do sujeito.

REFERÊNCIAS:

DICIONÁRIO Aurélio Online. Disponível em:

<<http://www.dicionariodoaurelio.com/Agressividade>>. Acesso em 15 dez. 2011.

DICIONÁRIO Crítico de Análise Junguiana. SAMUELS in RUBEDO. Versão Eletrônica.

Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/sombra.htm>>.

Acesso em 18 nov. 2011.

DOWNING, C. **Espelhos do Self: As Imagens Arquetípicas que Moldam a sua Vida.** São Paulo: Cultrix, 1991.

EDINGER, E. F. **Ego e Arquétipo: Uma síntese dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung.** São Paulo: Cultrix, 1972.

EXPERIÊNCIA da Prisão de Stanford. **Um estudo de simulação do encarceramento.**

Disponível em: <<http://www.prisonexp.org/portugues/1>>. Acesso em 15 dez. 2011.

FADIMAN, J; FRAGER, R. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: Harbra, 2002.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNG, C. G. **A Natureza da Psique: a dinâmica do inconsciente.** Vol. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2011a.

_____. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência: psicoterapia.** Vol. XVI/2. Petrópolis: Vozes, 2011b.

_____. **O eu e o inconsciente.** Vol. VII/2. Petrópolis: Vozes, 2011c.

_____. **Psicologia e Alquimia.** Vol. XII. Petrópolis: Vozes, 2011d.

_____. **Psicologia do Inconsciente.** Vol. VII/1. Petrópolis: Vozes, 2011e.

_____. **Psicologia e Religião.** OC. Vol. XI/1. Petrópolis: Vozes, 2010f.

_____. **Tipos Psicológicos.** OC. Vol. VI. Petrópolis: Vozes, 2011g.

DE LUCCA, L. A. **Alfabetização Afetiva.** São Paulo: Vida & Consciência, 2008.

ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde. SCIELOSP. Disponível em :

<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lang=pt&tlng=pt>. Acesso em 26 jan. 2012.

PALESTRA: O Efeito Lúcifer. Philip Zimbardo. Disponível em:

<http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/philip_zimbardo_on_the_psychology_of_evil.html>.

Acesso em 14 dez. 2011.

RATEY, J. J; JOHNSON, C. **Síndromes Silenciosas: Como reconhecer as disfunções psicológicas ocultas que alteram o curso de nossas vidas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

SANFORD, J. A. **MAL: o lado sombrio da realidade.** São Paulo: Paulus, 1988.

STEIN, M. **JUNG – O Mapa da Alma: uma introdução.** São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, M. L. **A sombra e o mal nos contos de Fadas.** São Paulo: Paulus, 2002.

WHITMONT, E. C. **A Busca do Símbolo.** São Paulo: Cultrix, 2002.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J (Org.). **Ao encontro da sombra.** São Paulo: Cultrix, 1991.

FILMOGRAFIA

THE EXPERIMENT, 2010. Nome no Brasil: **Detenção**. Filme. Diretor: Paul Scheuring. EUA: Imagens Filme. Duração: 95 min.